

TÉDIO E VIOLÊNCIA: UMA LEITURA A PARTIR DE O ESTRANGEIRO DE ALBERT CAMUS

BOREDOM AND VIOLENCE: A READING FROM THE ESTRANGER BY ALBERT CAMUS

ABURRIMIENTO Y VIOLENCIA: UNA LECTURA DESDE EL EXTRANJERO DE ALBERT CAMUS.

Thiago Cruz Domingues

- Poeta e psicólogo clínico. Especialista em Filosofia (UMESP). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista do Estado de São Paulo.
- E-mail: thiago.cdomingues@gmail.com

Clarissa de Franco

- Professora titular dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde e em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Psicóloga junguiana, Doutora em Psicologia, Doutora em Ciências da Religião com Pós-doutorado em Estudos de Gênero.
- E-mail: clarissadefranco@hotmail.com

Blanches de Paula

- Psicóloga, Teóloga, Filósofa. Mestre e Doutora em Ciências da Religião. Especialista em Logoterapia pela Sobral [Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial Frankliana]. Professora no Centro Universitário Católico Ítalo Brasileiro.
- E-mail: blanchespaula@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo estabelecer a relação do fenômeno do tédio e da violência enquanto uma das tessituras que compõem o modo de subjetivação contemporânea. Nosso ponto de partida e fio condutor para esta análise é o livro *O estrangeiro* (1957), do escritor franco-argelino Albert Camus. Nosso enfoque metodológico consiste na análise interdiscursiva da primeira parte do livro colocando em perspectiva a cadeia de significados ocultos nas profundezas de uma vida aparentemente superficial, como é o caso de Meursault, a partir de uma narrativa de literatura. Conclui-se que a violência emerge como resposta autômata ao tédio, à quebra dos vínculos amorosos com a realidade intersubjetiva sendo o personagem principal da obra símbolo dessa violência que emerge e da urgência para que novos modos de subjetivação e estar no mundo sejam incorporados à ética do existir.

Palavras-chave: Camus; tédio; violência; psicologia.

ABSTRACT

This article aims to establish the relationship between the phenomenon of boredom and violence as one of the fabrics that make up the mode of contemporary subjectivation. Our starting point and guiding thread for this analysis is the book *The Stranger* (1957), by French-Algerian writer Albert Camus. Our methodological approach consists of the interdiscursive analysis of the first part of the book, putting into perspective the chain of meanings hidden in the depths of an apparently superficial life, as is the case of Meursault, based on a literary narrative. It is concluded that violence emerges as an automatic response to boredom, the breaking of loving bonds with intersubjective reality, with the main character of the work being a symbol of this emerging violence and the urgency for new ways of subjectivation and being in the world to be incorporated into ethics of existing.

Keywords: Camus; boredom; violence; psychology.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo establecer la relación entre el fenómeno del aburrimiento y la violencia como uno de los tejidos que configuran el modo de subjetivación contemporáneo. Nuestro punto de partida y hilo conductor de este análisis es el libro *El extranjero* (1957), del escritor franco-argelino Albert Camus. Nuestro enfoque metodológico consiste en el análisis interdiscursivo de la primera parte del libro, poniendo en perspectiva la cadena de significados escondidos en lo más profundo de una vida aparentemente superficial, como es el caso de Meursault, basada en una narrativa literaria. Se concluye que la violencia surge como una respuesta automática al aburrimiento, la ruptura de los vínculos amorosos con la realidad intersubjetiva, siendo el personaje principal de la obra un símbolo de esta violencia emergente y de la urgencia de nuevas formas de subjetivación y de estar en el mundo. incorporarse a la ética de lo existente.

Palabras clave: Camus; aburrimiento; violencia; psicología.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo estabelecer a relação do fenômeno do tédio e da violência enquanto uma das tessituras que compõem o modo de subjetivação contemporânea. Nosso ponto de partida e fio condutor para esta análise é a primeira parte do livro *O estrangeiro* (1957), do escritor franco-argelino Albert Camus.

Este estudo surgiu no contexto das contribuições para a disciplina “Tópicos Especiais em Violência”, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista - UMESP. Durante as aulas fomos levados não somente a refletir, mas também a nos sensibilizarmos quanto a algumas das faces da violência e consequentes formas de manifestação desta na cultura. Devemos às profs. Clarissa de Franco e Blanches de Paula a habilidade de conduzir discussões e de repertorizar tanto as teorias quanto nosso imaginário do encontro entre tédio e violência, considerando e acolhendo essas e outras diversas expressões – ou a ausência delas - envolvidas no processo e que, embora sempre penosas de encarar, também nos distinguem e transforma em seres humanos: medo, temor, tédio, reflexão, solidariedade, dignidade e esperança.

“O artista é um erro da natureza”, certa vez disse o poeta Manoel de Barros sobre a capacidade incessante da natureza (e dos homens, que afinal são também natureza) de produzir insanidades. Mesmo caminhando sobre terreno de um assunto complexo, penoso e exaustivo, muitas vezes terminávamos as aulas com os olhares mais dispostos para a esperança, a fim de poder reintroduzi-la no mundo, lado a lado com um constante chamado para dissolver e atuar amenizando as violências e outras tantas dessas insanidades, as quais não podem ser eliminadas de nossa natureza constitutiva, e diante das quais a razão instrumental, algumas vezes bem intencionada, tem se mostrado impotente. A partir dessa experiência, pudemos nos tornar mais conscientes de nosso papel, no sentido de converter as energias contida em certas formas de violência em novas formas, criativas, conscientes e éticas de coparticipação responsável e solidária. Nos percebemos capazes de provar da densidade paradoxal da psique; não apenas como fator de impotência, aflição e ansiedade, mas como possibilidade de gerar resiliência imaginativa e transformadora.

A voz que se expressa neste artigo ecoa das contribuições partilhadas nas aulas em torno das relações de violência, da trágica e complexa ambiguidade que nos compõe (o poder para oprimir, repetir e/ou transformar, por exemplo) e das análises e atravessamentos culturais que partem das inúmeras violências de que somos causa e efeito, quando nos omitimos sem refletir. Como cidadãos somos, sabendo ou não, agentes políticos. Nesse sentido, desempenhamos um papel de manutenção, regulação e renovação do frágil equilíbrio de nosso meio-ambiente ou, por outro lado, ajudamos a colocar em risco seu precário equilíbrio. Um modo de regular o impacto dessas construções na subjetividade contemporânea é assumindo nosso papel, não apenas como testemunhas passivas, mas igualmente como agentes mediadores de uma transposição criativa desse aspecto do mal-estar na civilização que envolve o encontro entre um certo tédio e a violência.

A manifestação da violência como subproduto e/ou gerador do mal-estar na civilização, no contexto deste espírito de época que vivemos, revela o caráter coercitivo e, nesse sentido, também ele violento, da indústria cultural. Eis um processo ideológico que atravessa e captura o sujeito da contemporaneidade a partir de manifestações da violência simbólica (Cesnik et al., 2012), cuja expressão é o sequestro da subjetividade autêntica e uma perturbação paralisante que prolifera no indivíduo e no coletivo, como uma forma de tédio sem expressões autênticas perpassadas de emoção, o que perverte as paixões e esteriliza as percepções do sujeito no mundo. Se o “eros vence a depressão” como disse Byung-Chul Han, o logos moderno impulsionado pelas estratégias (violentas) de despolitização e impessoalidade atrofiou e reprimiu as políticas do amor, trocando o eros pela banalidade, exibicionismo e burocracia (Han, 2020, p.79).

Com base nisso, importa considerar o sujeito do tédio como inscrito numa estrutura cosmo-psico-sociológica regida pela violência simbólica cotidiana, com seus desdobramentos objetivos. Constituído subjetivamente na violência, esse sujeito se percebe como que alijado de qualquer esperança ou capacidade de mobilização criativa para superar seu estado (Bourdieu, 2009, p.15). Por esse motivo, justificamos a escolha do romance *O estrangeiro*, onde seguimos o percurso do protagonista Meursault, ele mesmo mergulhado em “sua total indiferença às coisas, falta de motivos para seus atos e o estado de inércia em que se encontra” (Binda, 2013, p.52).

A fim de amplificar o conceito de tédio e potencializar elaborações simbólicas

a escolha de *O Estrangeiro* oferece uma rica dimensão existencial e, com ela, a possibilidade de ampliações interpretativas que nos ajudem a experimentar, mediados por Meursault, o personagem principal da obra, as camadas constitutivas do sujeito da contemporaneidade a partir de um homem subjugado por uma estética da indiferença (Formis, 2008). Outra razão para a escolha é o fato de que a obra literária, em sua maioria, enfatiza a circulação na cultura de narrativas que refletem valores socio-culturais, evidenciando assim os sintomas clínicos e os semitons míticos, antropológicos e imaginativos desse sujeito inscrito sob a égide desses valores. Lembremos que essa justificativa é devedora do pioneirismo de Freud (1914/1996), ao subsidiar epistemologicamente a interface da literatura com a psicanálise, ou seja, reconhecendo e validando os fundamentos ilustrativos do funcionamento psíquico, das dinâmicas inconscientes, dos sintomas e diversas formações culturais.

Nosso enfoque metodológico consiste na análise interdiscursiva da primeira parte do livro *O estrangeiro*, seguindo as orientações hermenêuticas de Jacques Rancière, isto é, colocando em perspectiva a cadeia de significados ocultos nas profundezas de uma vida aparentemente superficial, como é o caso de Meursault, a partir de uma narrativa de literatura. Como uma poderosa lente de aumento, essa harmonização entre imaginal e social que resulta na obra literária, apresenta-se e tem como objetivo o desafio de “analisar as realidades prosaicas como fantasmagóricas que dão testemunho da verdade oculta de uma sociedade, dizer a verdade da superfície viajando às profundezas e enunciando o texto social inconsciente que assim se decifra” (Rancière, 2011, p. 43). Após análise crítica do livro foi estabelecido como critério para a seleção dos discursos aqueles que mais apresentaram relação íntima com o tema do tédio. Esses discursos constituem com abundância a primeira parte do livro.

Diante da pluralidade conceitual em torno da noção de subjetividade, decidimos seguir o percurso teórico apontado por Gilles Deleuze (1986), em que este ao identificar a noção de subjetividade e os modos de subjetivação como estando diretamente relacionadas à Michel Foucault e seus estudos sobre os processos genealógicos, segundo os quais nos tornamos sujeitos inscritos na história e na cultura.

É desse lugar paradigmático que irrompe a construção da subjetividade contemporânea, a partir da multifacetada cadeia de normas e narrativas que capturam as

aspirações individuais em meio ao império do efêmero, da perda da admiração viva pelas coisas, do sujeito indiferente, fragilizado, e psicologicamente insuficiente. Para o sociólogo Zygmunt Bauman (2007) a tipificação regulatória da assim chamada pós-modernidade é composta por um encadeamento de tensões como insegurança existencial, medo, repetição irreflexiva de rotinas que despertam o sentimento de estar sempre à deriva da própria vida, situação que termina por fortalecer “uma experiência aterrorizante de uma população heterônoma, infeliz e vulnerável, confrontada e possivelmente sobrepujada por forças que não controla nem entende totalmente (BAUMAN, 2007, p. 13).

Com esse breve registro introdutório sobre o sujeito contemporâneo e seu tédio, procuramos estabelecer a relação das conjunturas psicopolíticas que se organizam e repertorizam comportamentos, enumerando alguma dessas violências e suas nuances como lugares de convergência dos valores que as mobilizam e da apologia dos mesmos, no contexto da (pós) modernidade. Nesse sentido, encontramos em Meursault uma representação não estereotipada, atual e psicologicamente intensa desses valores consensuais, apresentados literariamente.

Tédio e violência em Meursault: “hoje mamãe morreu”.

I'm alive
I'm dead
I'm the stranger
Killing an arab¹

Roland Barthes afirma que “O Estrangeiro é certamente o primeiro romance clássico do pós-guerra” (Barthes, 2004, p. 95). A análise do crítico francês sobre a obra de Albert Camus, especialmente sobre o personagem Meursault, defende que este aceita “todo esse gestual de passividade [...] uma espécie de transe, que é o estado de indiferença fundamental às razões do mundo” (Barthes, 2004, p.93). Neste ponto vislumbramos a aproximação de Camus com o filósofo Sören Kierkegaard, para

¹ Epígrafe utilizando trecho da música “Killing an arab” da banda The Cure, inspirada no livro de Camus.

quem “no tédio total, parece que a primeira determinação afetiva é a de expatriação” (Ferro, 2012, p. 27). Chamamos a atenção para a categorização de um certo “tédio total” por parte de Kierkegaard. Não podemos deixar de considerar uma observação a partir do título do livro, já que expatriação, estrangeiro e estranho² são expressões cunhadas em torno de afetos e condições elementares, expressivas de uma exclusão, um afastamento de casa ou do lugar de origem, da medida do mundo³. Subtraindo a imaginação emancipatória enquanto naufrago existencial, o estrangeiro se adapta à sua condição e é como que absorvido pelo distanciamento afetivo e o estranhamento radical de si e dos outros. Trata-se de uma vida vivida à margem da pertença (por contingências e/ou por escolha), alheada de uma parcela significativa de sua potência, separada da totalidade (a de sua personalidade e a da comunidade), dissociada das emoções e da imaginação: essa é a marca do tédio total camusiano. Sobre esse ponto é possível observar que:

O tédio encontra na indiferença não somente sua condição de possibilidade – como o faz qualquer outro sentimento –, mas sobretudo seu próprio conteúdo. Ele é a manifestação sensível da indiferença, ele é a indiferença tornada afeto. O tédio se manifesta quando a indiferença chega em excesso, mas nesse excesso, a indiferença, em lugar de oscilar em uma apreciação permanece e se funda sobre ela própria (Formis, 2008, p. 83).

Pode-se dizer que as linhas que abrem *O Estrangeiro* são um mergulho numa atmosfera de absurdo. Este conceito filosófico-literário desenvolvido por Albert Camus é essencial para penetrarmos na obra e ele guiará nossos entendimentos e reflexões sobre as relações entre tédio e violência em Meursault.

Em *O Mito de Sísifo*, obra na qual o mesmo autor expõe filosoficamente seus

2 Em seu idioma original, o título da obra é “L'étranger” ou “o estranho”.

3 Sobre a relação entre a noção de *ethos* e seus desdobramentos como morada e medida do mundo, é edificante a contribuição de Olgária Matos em seu “Ethos e amizade: a morada do homem. MATOS, Olgária C. F. Ethos e amizade: a morada do homem. *Ide (São Paulo)* [online]. vol.31, n.46 pp. 75-79 . 2008 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000100013&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0101-3106

argumentos a respeito do conceito do absurdo, temos como marca e destino o “confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo” (Camus, 2014, p. 41). Na presente obra Camus nos apresenta um mundo inteligível, hostil aos apelos de uma razão que se pretende prática e objetiva, segura e mensurável. O absurdo é o desencanto dessa razão que se perdeu nos horizontes da verdade, e que nos abandona frente ao irracional e à estranheza do mundo. É nesse espasmo, utilizando a definição de Félix Guattari, de “dissonâncias entre diferentes ritmos que não chegam a se harmonizar (Guattari, 2022, p. 106)” notamos que o absurdo se revela e compartilha o sentimento “de um mundo em que tanto os pensamentos como as vidas são privados de futuro” (Guattari, 2022, p. 81). Literariamente essa visão é amplificada e compartilhada por Camus em suas demais obras como *Estado de Sítio* (1948) e *O Homem Revoltado* (1951), ambas escritas sob as esteiras dos valores e ideologias totalitárias. Nessas obras, seus personagens experimentam a sensação de que, quando os valores de afirmação à vida perecem, a esperança de salvação converte-se em destruição.

De uma maneira hábil e sutil Camus revela ao seu leitor, mediado pelo narrador-personagem Meursault, a ambientação psicológica do tédio, já nas linhas que abrem a obra: “Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo:” Sua mãe faleceu. Enterro amanhã. Sentidos pêsames”. Isso não esclarece nada. Talvez tenha sido ontem” (CAMUS, 1995, p. 9).

Esses são os primeiros indícios que o leitor recebe da condição emocional de Meursault, um estado de alma ou falta dela que permeará a obra, seu avassalamento por um estado de distanciamento emocional e indiferença afetiva quanto aos eventos, os mais impactantes. Ao receber o telegrama sobre o enterro de sua mãe, Meursault não expressa nenhuma reação de natureza arquetípica, isto é, carregada de emoção ou sentimentos: aflição, medo ou tristeza, por exemplo. Emerge como reação apenas o regimento dos valores típicos da indiferença e tédio, sem profundidade, relacionamento, confiança ou entrega.

Adiante, a tônica da ambiguidade toma corpo e torna muito mais aparente, embora talvez não evidente, que se trata de um homem, em quem sentimentos humanos fundamentais como amor, solidariedade, saudade, ou luto estão ausentes, para

quem os ritos de passagem da vida e até mesmo umas poucas crenças emocionais e subjetivas, como a esperança, por exemplo, são vividos de maneira distante e artificial, apesar da articulação coerente e da lógica do discurso. Pensamento e sentimento dissociados, um sujeito interditado tanto de emoção quanto de afetos. Vejamos:

[...] Ao acordar, compreendi por que meu patrão se mostrara aborrecido quando lhe pedi dois dias de licença: hoje é Sábado. [...] Mas, por um lado, não é culpa minha se enterraram mamãe ontem, em vez de hoje, e, por outro lado, teria tido, de qualquer maneira, o sábado e o domingo livres. Isto não me impede, é claro, de compreender meu patrão (Camus, 1995, p.24).

Nesse contexto, o jogo das relações sociais deve ser baseado sempre em princípios que conhecemos muito bem, como a partir das lógicas formais ou das personas sociais, respondendo de maneira autômata e apática aos imperativos individuais. Um dos paroxismos para essa experiência do absurdo colocada por Camus é justamente no tocante às experiências do amor, como aparece expresso na passagem abaixo:

[...] À noite, Marie veio buscar-me e perguntou se eu queria casar-me com ela. Disse que tanto fazia, mas que se ela queria, poderíamos nos casar. Quis, então, saber se eu a amava. Respondi, como aliás já respondera uma vez, que isso nada queria dizer, mas que não a amava (CAMUS, 1995, p. 46).

Quando toda sua libido, em essência, a energia da vida, do sentido, está investida em si mesmo, a experiência do amor não pode aparecer de outra forma, senão como estranhamento, posto que não há acesso ou permeabilidade alguma ao sentimento. Não há dúvidas de que o sujeito camusiano, aqui representado por Meursault, expressa uma interessante faceta psicológica, um modo de subjetivação muito pecu-

liar ao sujeito, em particular o pós-moderno. Aqui a *gestalt* encontrada pelo autor de *O mito de Sísifo* foi introduzir uma polaridade feminina oposta complementar, já que Marie Cardona representa o objeto transicional que possibilita a Meursault investir sua libido no mundo, a oportunidade de viver uma vida mais íntegra, nova, sensual, fertilizada partir do amor/eros, entendido como princípio da coesão e do sentido, que transforma e transcende o cotidiano e o insemina com linhas criativas de fuga. Mas essa possibilidade é interdita pelo próprio personagem, ao responder burocraticamente aos imperativos dessa possibilidade restaurativa de eros como vemos nas linhas abaixo:

[...] Perguntou então a si própria se me amava, mas eu, eu nada podia saber sobre isso. Depois de outro instante de silêncio, murmurou que eu era uma pessoa estranha, que me amava certamente por isso, mas que talvez, um dia, pelos mesmos motivos eu a decepcionaria. Como ficasse calado, nada tendo a acrescentar, tomou-me pelo braço, sorrindo, e declarou que queria casar-se comigo (CAMUS, 1995. P. 47).

Aqui o estado de estranhamento e indiferença dá a tônica de todo o teatro do absurdo. Ao apresentar a dissociação psicológica do personagem principal, a atuação evidente dos mecanismos e sua formação reativa, como uma defesa aos elementos estabilizadores do equilíbrio psicológico e existencial, escasseiam as saídas para Meursault. Temos então a caricatura do sujeito contemporâneo e sua encenação da tragédia dos vínculos rompidos, da ausência de elementos articuladores fora do discurso que aprofunda a estagnação psíquica. Desprovido de qualquer relação íntima e conectiva com seus conteúdos internos ou com qualquer outro caminho (como o da introspecção, por exemplo, em que um outro tipo de tédio, desta vez habitado por imagens, poderia favorecer) Meursault está impedido de acessar algum autoconhecimento bem como alguma percepção sobre seus anseios genuínos.

Aqui também aparece a incapacidade de Meursault em reconhecer o amor como experiência ética, transcendente da pura e simples satisfação individual de de-

sejos instintivos, amor como relação com o outro, diverso e semelhante, amor como experiência de vínculo e de pertença à comunidade afetiva e humana.

Para o cristão, o primeiro e o maior dos mandamentos é o mandamento do amor, a Deus e ao próximo: ao Pai e aos irmãos. Não se trata de amor platônico, pois este fracassa numa infidelidade ao indivíduo concreto, sempre substituído pelo novo ideal. Para Kierkegaard, ao contrário, temos um dever de amar exatamente este que “nós vemos” - e é bom lembrar que o critério aqui apresentado é de propósito um critério sensorial, mais aristotélico do que platônico (Valls, 2012, p. 80).

O sujeito dissociado de suas emoções e portanto separado da (sua) natureza emerge, no romance de Camus, como aquele que não é capaz de amar, em todas as demais condições existenciais que extrapolam os domínios da cartografia do ego, fato que culmina na radical intelectualização e formalização das condutas, na identificação do ego com a persona do burocrata com “a máscara colada à cara”, como diz Fernando Pessoa.

Mais uma vez, Camus abre caminho para mais um paradoxo, ao jogar com os elementos que garantem a equilíbrio constante dos desígnios homeostáticos do nosso psiquismo. Em alguns momentos da narrativa, somos encorajados a pensar que algo poderá ser diferente e que uma emoção parasitária foi captada e surgirá a qualquer momento, na iminência de um estado de potência. Daí finalmente emergiria alguma sorte de maturidade da parte de um ego que saiba capaz de dosar imaginação e sentimento para cotejar com a objetividade, o que não acontece visto que não há uma fresta sequer na muralha de razão instrumental com atrás da qual ele se defende das instâncias da vida. A razão estética será então integrada e consequentemente reparadora dos efeitos perversos dessa tensão civilizacional? Trata-se de uma possibilidade que não se estabelece, vencida que é pelo tédio vazio de imagens, sempre ele, que desponta e aparece como violência titânica, dedicada a neutralizar nossa força interior, as emoções, nossos clarões mais imaginativos e disruptivos, os insights. Mas a narrativa de Camus ainda propõe uma reflexão, íntegra, de intenção didá-

tica e de natureza imaginativa, isto é, simbólica, para confrontar a aridez emocional do personagem: ele insere na narrativa os elementos da natureza como uma proposta de comunhão do personagem com o mundo, com a vida. Os elementos da natureza, em especial o mar e o calor confortante e revigorante do sol que permeia o fluxo narrativo em diversos momentos. O calor e a luz desse sol, contudo, não são suficientes para furar o bloqueio da névoa gélida e espessa que envolve o protagonista como uma blindagem. O corpo de Meursault não está permeável ao calor e à luz do sol externo. A frieza e o distanciamento que o separam do mundo e do outro também o isolam e protegem dos próprios sentimentos. Essa parece ser uma das marcas mais trágicas do tédio em sua configuração psicológica para a impessoalidade e indiferença.

Esse parece ser o emblema do autor que transcende o significado particular da obra, explicitando o divórcio entre sujeito e mundo, a condição de estrangeiro a si mesmo de Meursault evoca nossa condição de partícipes dessa configuração. Sua existência, consumida pelo tédio paralisante, não tem energia suficiente para ir além de um efêmero vagar pelos prazeres primários.

Não esqueçamos quem é Meursault e o que pretende Camus, atirando o leitor diretamente no abismo do tédio e do absurdo junto com seu personagem. Eis aqui um sujeito unilateral, marcado pela indistinta solidão e refém de uma vida inanimada, sem alma. Um sujeito que vive de olhos fechados para a sua vida interior e para os potenciais não atualizados de seu destino.

No decorrer da história, Meursault consegue iniciar uma amizade com seus dois vizinhos de prédio. Salamano, dono de um cachorro cocker-spaniel, que de “tanto conviverem juntos os dois, num pequeno quarto, o velho Salamano acabou ficando parecido com o cão” (Camus, 1995, p. 31) e Raymond, o responsável pelas fatalidades envolvendo o protagonista da história. Notemos que se trata de amizades superficiais, sem curiosidade genuína pelo outro, sem investimento afetual, desinformada de emoção e vínculo real.

Num dia quente (novamente a referência ao calor externo e ao sol), Meursault, os amigos e Marie vão à praia. O cenário é paradisíaco e ensolarado, em meio ao sopro do vento e a água salgada. Um cenário, aliás, muito semelhante, como nota Meursault, ao do dia do enterro de sua mãe.

Antes de prosseguirmos com a história é preciso recortar uma observação a respeito do sol, feita pelo próprio Camus: ” A miséria impediu-me de acreditar que tudo vai bem sob o sol e na história; o sol ensinou-me que a história não é tudo. Mudar a vida sim, mas não o mundo do qual eu fazia minha divindade (Camus, 2021, p. 23).

A posição de superioridade de Meursault, a imagem “divina” que ele tem de si mesmo, emerge em referência ao que o junguiano Rafael López-Pedraza chamou de titanismo: “a causa do infortúnio do Estrangeiro é atribuída por ele mesmo ao Sol - um dos deuses celestiais dos Titãs. Este tipo de projeção de culpa do Estrangeiro para algo tão absurdo como o Sol pertence amplamente ao titanismo“ (Pedraza, 2000, p. 21).

Mais adiante, ao desenvolver a noção de titanismo, o autor junguiano continua suas reflexões :

[...] A Laranja Mecânica (o livro de Anthony Burgess), ampliando o tema do titânico implícito no romance de Camus (“O Estrangeiro”) expressa o total excesso em todas as áreas da existência: golpes, assassinios, violações etc. Burgess nos dá um quadro de uma sociedade que vive em excessos titânicos: selvagem e não submetida a leis. A psique não apreende do excesso titânico. Nesse sentido, devemos estabelecer uma clara distinção entre sofrimento, a humilhação, a dor, as feridas da psique- a partir do qual se dá a aprendizagem psíquica[...]. Esse tédio cotidiano nauseante do nível existencial da vida; Mas ainda que a psique não aprenda nada com isso, deve tê-lo em conta, deve ser o mais possível consciente da sua existência (Pedraza, 2000, p. 23)

A reflexão de Pedraza sugere que talvez seja o elemento titânico no tédio que configura-se como um impedimento real para se viver uma vida com significado, isto é, dotada de um propósito que a vincula ao mundo e ao outro. Numa vida em que os eventos se sucedem sem qualquer conexão e sentido, impedidos que estão de passar pelo crivo das emoções e da experiência, a violência surge como uma forma incons-

ciente de calibração desse movimento polarizado. É exatamente esse o cenário com que nos deparamos a seguir em *O estrangeiro*. Diante dessa estase do mundo interno que se manifesta como total indiferença Meursault envolve-se numa briga com um inimigo de Raymond, terminando por cometer um assassinato.

[...] Sentia apenas os címbalos do sol na testa, e de modo difuso, a lâmina brilhante da faca diante de mim [...]. Então atirei quatro vezes ainda num corpo inerte, em que as balas se enterravam sem que se desse por isso. E era como se desse quatro batidas secas na porta da desgraça.

O sol, símbolo arquetípico da consciência racional que vigora unilateralmente, é no romance de Camus uma imagem do calor externo que não penetra a pele e que em excesso distorce a visão sensata dos fatos. O mesmo sol, em sua expressão mais clara, mais radiante (uma referência ao excesso de lucidez que pode cegar), também captura Meursault impelindo-o para seu próprio excesso irrefletido. É uma forma de consciência solar não reflexiva que o guia em seu impulso por busca de um sentido, uma forma de consciência titânica, destituída de qualquer responsabilidade ética. A consciência de Meursault é impermeável ao afeto, ao calor como metáfora da ternura ou do acolhimento, às imagens que não sejam as externas. No contexto da análise da obra, esse é o principal ponto de conexão do tédio com a violência. Nesse sentido:

[...] O tédio é, portanto, o principal inimigo da existência. Como é evidente, a categoria do mal que aqui está presente não tem natureza ética, quer dizer, é de natureza disposicional e afetiva, independente de qualquer decisão ou ato (Ferro, 2012, p. 3).

Entretanto, paradoxalmente o tédio pode ser um espaço vivencial que pode nos convidar para o risco da escolha de viver as ambiguidades do existir.

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Será o amor uma resposta para o tédio?

Há um sério problema cultural a ser considerado nesse tédio que Camus soube expressar tão bem em seu romance, como bem apontou Rivers, um pioneiro do estudo na interface da psicologia e tédio. Nesse sentido, a sensibilização acerca dos efeitos desse estado de alma sobre a cultura, em especial como um fator de estímulo e reforço à violência anômica, indiscriminada, como busca de sentido e ânsia de experiência faz parte de um caminho reflexivo e prospectivo importante, também com o fito de trazer de volta à cultura as imagens, novos modos de subjetivação e as emoções que oferecem resistência a tais manifestações indiferenciada. O racionalismo unilateral, titânico em sua conduta extrovertida em excesso, inflada e heroica, precisa ser incluído nas discussões sobre esse tema, seja na Psicologia, ou através de outras análises culturais com a urgência de que novos olhares transdisciplinares, plurais e afetivos venham a ser forjados e inseminados na cultura (Rivers, 1966, p. 93; Pedraza, 2000, p. 46).

Com base em nossa análise é possível considerar que a violência emerge como resposta autômata ao tédio, à quebra dos vínculos amorosos com a realidade intersubjetiva e que Meursault irrompe muito mais do que personagem literário, mas como símbolo do esgotamento de estratégias criativas de estar no mundo, tal como encontramos no sintoma cultural de projeção à expectativa infalível da razão utilitária como fértil mediadora da nossa realidade, essa sim perigosamente destrutiva. Restituindo o caráter estético da razão consideramos o amor uma resposta criativa ao tédio em seus arranjos sociais para além da vontade de poder. Esse é um dos pontos principais da crítica ao racionalismo tal como aparece na preocupação de Kierkegaard acerca da relação do indivíduo singular com a existência. O filósofo deixa isso claro em suas “contendas” com Hegel, em que enfatiza a responsabilidade inalienável do indivíduo perante a existência e o existir. Encontramos ecos dessa mesma crítica na ironia profundamente moral de Albert Camus e no destino trágico de seu personagem na obra analisada.

Já o escritor Amos Oz, ele mesmo profundamente comprometido com os

efeitos éticos de uma literatura engajada com o diálogo entre os diferentes, afirma que “onde temos razão, não podem crescer flores” (Oz, 2004, p. 35). Contra qualquer motivação à abstração, Kierkegaard nos convida ao agir e não seria demais afirmar que também nos convida a amar:

[...] A ética cristã do amor, em sua leitura kierkegaardiana, não se esgota no querer bem ao semelhante (*ao outro eu, alter ego*) [...]. Pois para Kierkegaard não se trata de amar o meu *segundo eu*, mas sim de amar realmente e querer bem do meu primeiro tu; trata-se rigorosamente, de amar o diferente, aquele que tem qualidades e defeitos diferentes das minhas qualidades e dos meus defeitos. Amar somente os amigos, isso os pagãos também fazem (*ética étnica*) (Valls, 2012, p. 77).

Vejamos que Meursault, mergulhado em seu espesso tédio gelado, intocado pelas imagens e as emoções, inacessível aos relacionamentos encarnados, desconhece o contorno e os sentidos da palavra amor, até mesmo do simples impulso em direção ao mundo e ao outro. Tragado por esse abismo interior interditado de afetos, pela impessoalidade de seus atos, pela lucidez excessiva de seu pensamento impenetrável e pelos imperativos da razão que planifica os discursos e condutas, o protagonista de *O estrangeiro* foi traído pelo que Valls chamou de ética étnica. Alienado da própria vida interior, Meursault é incapaz de imaginar e sentir, um prisioneiro da extroversão e interditado de alma. É nessa ligação inconsolável e generosa que percebemos o amor como possibilidade redentora e generativa. É esse impulso de segurança e confiança que também:

[...] De certo ponto de vista, amar é o autêntico trabalho psicológico, o mais comprometedor que exista, justamente porque ativa em nós uma nova possibilidade de conhecimento do mundo. [...] Essa diversidade, que parece vir-me do outro por quem me deixei involuntariamente cativar,

fez-me diferente, e agora o meu próprio modo de olhar, a minha própria capacidade de viver tal experiência se transformou (Carotenuto, 2018, p. 30).

Essa dinâmica pode ser melhor compreendida nas palavras de Carl Gustav Jung:

No entanto, é difícil imaginar que este mundo tão rico seja demasiado pobre para poder oferecer um objeto de amor ao homem. Ele oferece possibilidades infinitas para todos. É, ao contrário, a incapacidade de amar que priva o homem de suas possibilidades. Este mundo é vazio somente para aquele que não sabe dirigir sua libido para coisas e pessoas e torná-las vivas e belas para si. Por certo as dificuldades da vida e as contrariedades da luta pela existência não nos impedem o amor, ao contrário, podem estimular-nos para maiores sacrifícios (Jung, Vol. V §159).

Como dissemos na *introdução* deste trabalho, algumas reviravoltas acontecerão na segunda metade do livro. Entretanto, nesse momento, centralizamos a análise da noção de tédio na primeira parte, onde, segundo nossa opinião, a disposição afetiva do tédio é mais bem trabalhada pelo autor, o que nos permite estabelecer uma proposta dialógica com a violência e os modos de subjetivação encontrados fenomenologicamente na contemporaneidade. O vácuo do tédio contemporâneo, muito bem ilustrado na dificuldade em habitar o presente, da constante checagem ao celular e do *speed watching*, para mencionar alguns fenômenos contemporâneos na cultura, pede e absorve imagens externas em quantidade e velocidade, imagens aceleradas que invadem esse deserto interior sufocante que se tornou a vida psicológica nos dias de hoje. Por isso o mal de Meursault é tão atual, pois fala ao espírito de nossa época inflado de um racionalismo hiper-realista que nos defende e isola das nossas emoções, tornando-nos estrangeiros de nós mesmos. Roland Barthes nos apresenta a noção (absurda, no sentido camusiano do termo) de que “a verdadeira violência é a do óbvio” (Barthes, 2006, p. 72). É essa violência do excesso de princípio de reali-

dade, por assim dizer, que nos aprisiona e aliena do sonho e da imaginação criativa, atrofiando assim o campo das sensibilidades.

Em Meursault a função pensamento não calibrada constela a experiência da violência literal, como uma forma de entrar em contato com alguma forma de confluência, com alguma forma de vida. O que Camus nos apresenta na obra analisada é que o continente da subjetividade passa a ser incessantemente cheio e esvaziado sem que nenhuma experiência de sentido seja transformada a partir do tédio o que nos leva a considerar que existem tédios e inúmeras possibilidades de vivê-lo. Existe o tédio do niilismo, do vazio absoluto e da indiferença burocrática de Meursault, esse é o mundo onde vegeta o jovem escriturário da cidade de Argel, muito semelhante em termos objetivos, embora radicalmente diverso existencialmente, do de outro pequeno burocrata: Bernardo Soares, o semi-heterônimo de Fernando Pessoa, abrindo possibilidades para continuidade e diálogo do tema em investigações futuras, visto que importa considerar o tédio também a partir de sua capacidade criativa, como um prelúdio ao devaneio, da capacidade de oxigenar o cotidiano a partir do silêncio, da lentidão, do recolhimento, da paciência ou da espera, e assim renová-lo com uma percepção positiva e afirmativa do tempo e das transformações. O *Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa instaura-se como possibilidade de converter o tédio em um devaneio imaginativo. A mesma possibilidade devaneante e agora lúdica que pode emergir do tédio também é ricamente explorada nas obras poéticas de Manoel de Barros e nos escritos de Júlio Cortázar, para citar alguns nomes, com o objetivo de aprofundar e estender análises em futuros trabalhos, visto que para a elaboração deste artigo tivemos dificuldade em encontrar referências mais contemporâneas que abordassem a psicologia do tédio em suas nuances plurais como o diálogo com a literatura.

Apesar do personagem principal apresentar traços que viabilizam uma abordagem psicológica, principalmente no tocante às concepções ancoradas nos transtornos de humor e sua variante (transtorno distímico), também presente nos quadros de depressões maiores e fundamentalmente no que diz respeito a indiferença do protagonista quanto à morte de sua mãe, acreditamos que não foi esta a intenção do autor. Sua finalidade não foi a de retratar um caso de psicopatologia, como é o caso do tédio

de Meursault, dissociado e desumanizador. Trata-se de uma tarefa de educação cultural, onde através da literatura, intenta ser capaz de criar antídotos para que a violência não irrompa, como se deu com Meursault.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **Inéditos. Vol. 2- Crítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2006

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2009

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014

CAMUS, Albert. **A inteligência e o cadafalso**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021

CAROTENUTO, Aldo. **Eros e Pathos**. São Paulo: Paulus, 2018

CANIATO, Angela, CESNIK, Claudia Cotrim e RODRIGUES, Samara Megume. **A captura da subjetividade pela violência simbólica da indústria cultural: da submissão à culpabilidade dos indivíduos**. Psicologia USP [online]. 2012, v. 23, n. 4 [Acesso em 29 de Março de 2023], pp. 661-681. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642012000400003>>. Epub 17 Jan 2013. ISSN 1678-5177. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642012000400003>.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Paris: Minuit, 1986

FERRO, Nuno. **Estudos sobre Kierkegaard**. São Paulo: Editora LiberArs, 2012

FORMIS, Bárbara. **Estética da indiferença: o tédio, sentimento paradigmático da arte contemporânea**. Comunicação Mídia e Consumo, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 77-102, 2008. DOI: 10.18568/cmc.v2i4.37. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/37>. Acesso em: 28 junho de 2023.

FREUD, Sigmund. **Sobre o narcisismo**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XIV,

pp. 77-110, J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. [1914] 1996

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da Transformação** .In: Obras Completas. Vol. X/I. Petrópolis: Editora Vozes [1912]1973

J. REVERS. **A psicologia do tédio**. São Paulo: Pia Sociedade de São Paulo:1966

LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. **Ansiedad cultural**. Caracas: Festina Lente, 2000

OZ, Amós. **Contra o fanatismo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004

RANCIÈRE, Jacques. **A revolução estética e seus resultados**. Disponível em: <http://newleftreview.org/>. Acesso em : 28 de Abril de 2023

SOARES, Caio Caramico. **Evangelhos da revolta. Camus, Sartre e a remitologização moderna**. 2010. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/T.8.2011.tde-01072011-142723. Acesso em: 2023-03-24.

VALLS, Alvaro. **Kierkegaard cá entre nós**. São Paulo: Editora LiberArs, 2012.